

## SABERES E FAZERES ANCESTRAIS QUE ATRAVESSAM O TEMPO

*“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”<sup>2</sup>*

A fé é, seguramente, condição humana que mantém os homens de pé, estejam onde estiverem. E quando por alguma razão ela é abandonada, aqueles que a deixaram se perdem no tempo, embrenham-se por entre as veredas do desespero e deixam de existir. Embora ela independa de crenças religiosas, já que é característica humana e imprescindível no dia a dia de cada um, é dentro dos universos religiosos distintos que - para alguns – ela se expande e ajuda as gentes a marcharem para atingirem seus mais variados objetivos. Por assim ser e estar em todos os lugares e atingir distintos povos ao mesmo tempo, a fé também é fenômeno observado por entre os *sertões*, locais nos quais encontram-se, por exemplo, homens fortes como os sertanejos descritos por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1905).

Ah, os sertões! Aqueles bem embrenhados em locais que muitos chamariam de fim de mundo, sim, estes locais também são lugares permeados de gente simples, munidas de fé, respeito, principalmente, aos mais velhos e às crenças do lugar.

Ali, encontra-se o *caboclo* forte com uma disposição para o trabalho que impressiona quem o vê. O espaço é árido, com pouca incidência de chuva durante quase todo o ano e, por isso, tem-se muito pouco da agricultura para sobreviver; por outro lado, uma fartura de ensinamentos para se aprender com sua gente – que fala pouco e observa muito – às vezes arredias, mas solícitas quando se precisa ser, resilientes. Para quem os observa de longe, sem se arraigar mais ao local,

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia (PPGA/UFS); possui graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe (2008). Tem experiência na área de Antropologia das religiões de matrizes africanas, com ênfase em História das Religiões, atuando principalmente nos seguintes temas: candomblé, cultura, identidade e poder. E-mail: [EVALC07@gmail.com](mailto:EVALC07@gmail.com)

<sup>2</sup> CUNHA, 1905, p. Pág. 114

indagando para si ou qualquer um a sua volta se alguém sobrevive ali, a resposta é sim!

As tradições religiosas e populares são mantidas e respeitadas pelo sertanejo católico que não deixa de ouvir as missas pelo menos aos domingos, se não podem ir à igreja por alguma razão, ouvem-nas pelo rádio. Fato este que não os impede de manter o respeito e a compostura diante do rádio quando o padre fala a missa. Assim, caso alguém esteja de chapéu, este é cuidadosamente retirado da cabeça e/ou se há alguém sem a camisa, corre logo para vesti-la. Nota-se também que, mesmo praticando o catolicismo, os sertanejos – em grande maioria – não dispensam as benzeduras de uma *rezadeira*. E, por isso, quando se deseja alcançar alguma graça, seja ela no corpo espiritual ou corpo físico, o nome de dona Andelina da Silva ou San Delina é logo lembrado e recomendado, já queda reza forte e das mãos leves, calmas e “rugosas”, emanam potência capaz de solucionar os problemas do povo que lhe procura, dizem os sertanejos do lugar.

Vê-se, então, que San Delina é aquele tipo de pessoa muito procurada, tanto em dias fáceis e alegres como em dias difíceis e tristes. Carregando seus 75 anos de firmeza física e muita lucidez, todos os anos em noite de lua cheia, entre os meses de abril para maio, ela executa o mesmo ritual: surge sobre a Colina mais alta de Camboatá – lugarejo do *sertão* em que vive – para dali observar o horizonte, o céu e/ou a movimentação e presença das nuvens. A partir dessas observações, San Delina pode prever se o inverno daquele ano será de pouca ou muitas águas. Observa ainda o curso do principal rio do lugar e a folhagem das árvores e ignora os olhares dos descrentes.

E ali – inerte, como se incorporasse uma entidade – de posse de um bastão de madeira e carregando no seu franzino físico vestido longo, nas cores das vestes de Nossa Senhora de Sant’Ana, fica horas madrugada adentro até ter uma resposta do universo. Portando a mensagem que lhe fora dada pelo universo, San Delina volta para a sua casa e aguarda silenciosamente as pessoas que, durante o decorrer dos dias, lhes consultará na esperança de terem resposta positiva quanto a previsão que fizera, e ela os dá.

Ela diz para quem quer ouvir que é mãe de muitos em Camboatá e adjacência, já que exerceu por mais de três décadas a função de parteira, tendo tomado muitas daquelas crianças como seus afilhados. Assim é que nas missas de

Natal, Semana Santa ou nas festas de Folia de Reis – ocasião em que sai de casa para as festividades – vê-se formar filas dos afilhados que lhe tomam a “benção”, beijando-lhe a mão. E ela espera um a um, agradecendo e fazendo-lhes o sinal da cruz em suas testas.

Enviuvava muito cedo e não voltou a casar. Teve apenas um filho que o chamou de Estevão Fagundes Romão, mas todos o chamavam de Nando, e este assumiu a função de vaqueiro, exercida também por seu pai. Como seu progenitor, Nando morreu no curral quando tentava fazer um desmame de um bezerro. San Delina viu-se sozinha mais uma vez, lamentou muito a morte do filho, envelhecera por isso, mas levantou a cabeça, pediu licença à tristeza, deixando-a passar, e voltou a viver, superou o luto!

Depois que a morte levou os homens mais velhos de sua casa, San Delina ficou na companhia de seu único neto, Josué – que crescia e ganhava cada vez mais as feições e gostos semelhantes aos de Nando, seu pai. E ela, à medida que envelhecia, só tinha olhos para ele – fazendo-lhe muitos mimos. Além da devoção a Josué, mantém uma rotina de ajuda espiritual às pessoas com sua reza, aplicando a seguinte máxima a todos que lhe procuram com um pedido específico para uma benzedura: *reza e fé para ficar de pé, meu filho!*

\*\*\*

## REZA E FÉ PARA FICAR DE PÉ

San Delina ainda vive em Camboatá, região que faz parte do distrito de Carnaúba, e dali nunca saía. Quando, em sua juventude, sonhava em estudar para se tornar professora, mas o destino a reservou outras atividades laborativas. Casou-se muito cedo, aos quatorze anos de idade, com Vicente Romão, que tinha dezessete anos, e foram morar numa casa do vilarejo que fica ao pé de uma ladeira – área mais elevada, de onde podem avistar todas as moradias das redondezas.

Dizem as gentes do lugar que ela desde muito jovem rezava nas pessoas e que o dom lhe fora revelado durante o mês de Sant’Ana, quando, por ocasião de um mal que envolveu um bode reprodutor do seu rebanho, para não perder o animal, rezou sete vezes durante sete dias no bicho que já estava prostado sem muita esperança de vida e, no último dia, o bode levantou cambaleando, regurgitou um líquido avermelhado, e foi curado. Desde esse evento, incorporou definitivamente a

ideia de que Nossa Senhora de Sant'Ana – também sua madrinha – lhe havia concedido essa graça. Desde então, não parou mais de rezar – inicialmente em pessoas e animais, e no decorrer dos anos somente nas pessoas.

Mulher de hábitos simples, ela costuma passar os dias ora sentada numa cadeira de balanço no alpendre da casa, ora numa pequena salada casa onde mantém seu oratório. Nesse cômodo, ela faz suas orações rotineiras aos santos de sua devoção: Padre Cícero e Nossa Senhora de Sant'Ana, entre outros elementos simbólicos de culto de matriz africana.

Em certa manhã de domingo, tendo-se levantado antes dos primeiros raios do sol, dirigiu-se ao alpendre da casa, como lhe era de costume, e quando começava a saborear o seu cachimbo, ouviu passos pesados e ligeiros em direção ao portão de entrada de sua casa, momento em que Rufus – seu cachorro – saiu latindo em direção à visita ofegante que ali chegava para lhe pedir ajuda. Era Augustinho de Vicente que saíra de Jiraus para pedir à velha parteira que fosse a sua casa, pois Lucinha, sua neta, estava em trabalho de parto e a criança não queria deixar o ventre materno e a pobrezinha já perdias as forças.

*– Acalme-se, Augustinho, e conte-me tudo! - disse San Delina.*

Depois de ouvir com mais calma o drama que se estabeleceu na casa do amigo – que naquele momento estava apavorado, molhando em suor e arquejante – a velha parteira não pensou duas vezes: Moveu-se em direção à sala do oratório, trocou o copo d'água que mantém diante dos santos de sua devoção, acendeu uma vela e tomou seu terço que estava sobre a cadeira de balanço, cobriu-se com seu xale preto e começou a arrumar a sua bagagem para a viagem. Antes, porém, chamou Laurinha, sua fiel escudeira, dando-lhes ordens sobre questões da casa e cuidados para com Josué, seu neto. Pedindo que depois que organizasse a casa e executasse o que lhe pedira para fazer, fosse ao seu encontro em casa de Augustinho de Vicente. Dadas as ordens, San Delina que fazia tempos não “pegava uma criança”, tomou sua pouca bagagem e seguiu em direção a Jiraus na companhia daquele velho amigo, cada vez mais preocupado.

Durante aquela viagem, que poderia ser rápida, o silêncio foi companheiro naquele velho automóvel que já não andava muito e, a certa altura da viagem, cerca de quase cinco léguas para chegar ao destino esperado, o jipe de Augustinho começou a fazer um barulho estranho, emitir uns “papocos” e parou. Ansiosa e querendo chegar o mais breve possível, San Delina se desconcentrou da reza que

vinha fazendo e, quase sussurrando, indagou se foi falta de gasolina ou o pneu. Augustinho, sem responder, desceu do carro e abriu o capô e percebeu que saía muita fumaça dali de dentro: tirou o chapéu, coçou a cabeça e enxugou o suor do rosto com um lenço já quase ensopado em suor, enquanto esperava a fumaça se dissipar. Depois que a fumaça se desfez, providenciou água para o carburador e o jipe voltou a funcionar e eles retomaram a viagem.

Já era fim de tarde, início da noite, quando chegaram a Jiraus e, de longe, podia-se perceber uma pequena aglomeração no local, o que de início preocupou a velha senhora, que segurou firme em seu terço e pediu misericórdia a todos os santos que vieram a sua memória naquele momento. Devido àquela situação que presenciava, não quis entrar na casa pela entrada principal, preferindo entrar pelos fundos da residência. Ao entrar, tropeçou no batente da porta e foi amparada por Dona Pequena – esposa de Augustinho – que lhe saudou com um *“Deus seja louvado!”*, e ela responde com sua voz sempre baixa e rouca: *“Para sempre seja louvado!”*

Já no interior da casa, informaram-lhe a situação por que passava a parturiente naquele momento. Ciente, San Delina passou algumas orientações: pediu para que as pessoas deixassem o quarto de Lucinha, ficando ali somente o esposo – Rafael de Lara, ela e dona Pequena. Pediu que lhe trouxesse toalhas limpas, água morna, incenso de alfazema e uma tesoura. E olhando para Lucinha, que já perdia as forças, disse-lhe:

*– Tô aqui, minha fia, esse menino há de vir o mundo hoje, você pode crer!*

Na Sala, ao lado do quarto em que estava Lucinha, muitas mulheres rezavam, entre essas, aquelas que testemunhavam a respeito do dom daquela parteira e rezadeira que estava no quarto para ajudar aquela jovem senhora a dar à luz. E, crendo no dom daquela mulher que acabara de chegar, todas ali concordavam que com a ajuda – primeiramente de Nossa Senhora – e de San Delina, aquela criança logo, logo nasceria. Na cozinha, dona Pequena – que sob as ordens da parteira preparava a meladinha<sup>3</sup>—mantinha sua contrição a Nossa Senhora do Bom Parto e Nossa Senhora Sant’Ana, lhe pedia uma graça em favor de

---

<sup>3</sup> **Meladinha** – considerada bebida de mulher parida – comumente usada para festejar o nascimento de alguma criança e também usada em decorrência do seu batizado. Normalmente é composta de cachaça, alho, cebola branca, arruda e mel de abelha. Alguns ainda usam arruda e/ou alecrim.

sua neta e ao mesmo tempo prometia que, se alcançasse, lhe faria – como agradecimento– novena a Nossa Senhora do Bom Parto, para testemunhar a graça que alcançaria mediante sua fé.

Assim que organizou o quarto, retirando a maioria das pessoas dele, San Delina começou a examinar Lucinha e percebeu algo diferente naquela barriga. Suspirou dizendo:

– *A barriga não é de um, mais de dois; vamos tirar a prova dos nove!*

Dito isso, pediu que Rafael ajudasse Lucinha a se deitar de lado para que ela continuasse a examinar e, assim, depois de apalpar a barriga algumas vezes, escutar os sons vindos do ventre, ela confirma:

– *Sim, tão cruzados e você carrega dois anjos aí!*

Lucinha, que sempre fora moça frágil e muito mimada pelos avós, estava sofrendo muito, e não supunha que sofreria tanto para dar à luz e, ainda mais agora que San Delina lhe confirma que eram duas crianças e que estavam cruzadas. O desespero tomou conta do seu semblante e ela arregalou os olhos para a parteira pedindo misericórdia, já que sofria com as contrações desde a noite passada e nada da criança vir ao mundo e, agora mais uma notícia: duas crianças e não uma. Por toda aquela situação ela chorava, mas era a todo tempo consolada pelo esposo e pela parteira que sempre alimentava sua fé com palavras de otimismo e esperança.

A animação com a notícia da chegada de duas crianças gerou entusiasmo aos que ouviram a boa nova, mas a velha San Delina mantinha um semblante de preocupação e, dirigindo-se a Dona Pequena – que nessa hora escutava atenta segurando a porta do quarto para que ninguém mais entrasse, pediu-lhe que trouxesse um chá morno de Jasmim para a grávida, pois a bebida ajudaria nas contrações. Ela, por sua vez, ajeitou-se no velho xale e sem tirar os olhos de Lucinha, balbuciou algumas palavras de oração, cabendo só a ela mesma compreender.

E, nessa agonia, as horas se passavam e as preocupações de todos naquela casa aumentavam. Os homens, que se reuniram no terreiro da propriedade, acenderam ali uma fogueira e, ao redor dessa, fumavam, bebiam e falavam do gado que se perderia naquele verão, se não chovesse o suficiente para abastecer os açudes das propriedades; já as mulheres, continuavam na sala principal da casa, algumas rezando, outras dormindo, enquanto a maioria – sob os efeitos de uma ou outra talagada da boa cachaça produzida no alambique de Augustinho – fofocavam

e riam. Enquanto no quarto as preocupações aumentavam, levando San Delina a providenciar alguns ramos para começar a benzedura sobre a barriga daquela pobre alma que já vinha sofrendo fazia horas.

Procurou em sua pequena bagagem óleo para massagem e lembrou que precisaria de uns ramos de ervas frescas para a benzedura. Assim, pôs -se a agir e moveu-se em direção aos fundos da casa na companhia apenas do candeeiro, que lhe alumiaava o caminho e ajudaria a conseguir avistar as plantas desejadas. Tomando as ervas, voltou de imediato ao quarto e começou a rezar sobre o ventre de Lucinha. Rezou um credo, uma Ave-Maria e, quando seguia na metade de um pai-nosso, Lucinha começou a ter contrações mais fortes, foi nesse momento que segurando a mão dela lhe disse:

– *Tenha fé, o dia vai raiar e com ele sua alegria brilhará. Anime-se!*

Ela pôs Lucinha sentada à beira da cama e se colocou por trás dela, massageando sua barriga com movimentos de cima para baixo e, desse modo, quando vinham as contrações, fazia movimentos mais fortes, afim de que aquelas crianças se posicionassem para a posição de parto normal. Àquela altura, as contrações se tornaram mais frequentes e San Delina percebeu que o milagre estava acontecendo, então, chamou Rafael para sentar-se à beira da cama, tomando a posição em que ela se encontrava e, assim, ele poderia sustentar Lucinha– que naquele momento estava sentada num banco mais baixo que a cama, tendo suas costas apoiadas no dorso de seu esposo. Enquanto a velha parteira apoiava-se de joelhos para receber a criança, que naquele momento já se podia ver coroar, e gritou:

– *Força, fia, bota mais força!*

Lá, por volta das 4:00h da madrugada, o primeiro grito da parteira. Nasceu aquele que se chamou Leopoldo – não chorou ao nascer, sendo-lhe necessário baterem num prato de estanho junto aos seus ouvidos, para que ele mostrasse algum tipo de reação: soltou um choro tímido, acalmando-se logo em seguida. A criança passou, então, para os braços de Dona Pequena, que o enrolou todo em lençol de cambraia branca – feito para aquela ocasião – e o preparou para lhe cortar o umbigo. Cerca de quase 10 minutos depois, eis que surge a outra criança e, dessa feita, uma menina, que recebeu o nome de Cecília Maria. Esta, além de chorar bastante, mostrou-se faminta por sugar com muita força o leite oferecido por sua

mãe– que ria com os olhos em lágrimas pelo milagre da vida que acabara de chegar.

Do lado de fora da propriedade, onde a maioria dos homens da casa estavam, o júbilo era incontrolável, principalmente, de Augustinho, que de imediato acendeu um charuto e soltou alguns fogos. Os amigos dos pais da criança também comemoraram, felicitando Augustinho e perguntando pela meladinha que horas mais tarde passou a ser servida a todos daquele local. As mulheres que foram prestar solidariedade à família, também se alegraram e festejaram pelo nascimento dos gêmeos que chegaram para alegrar aquela casa, que já havia sido cenário de muita tristeza desde o nascimento de Lucinha. Aquela data marcava vinte e dois anos que Tereza – mãe de Lucinha – morrera em decorrência do parto de sua única filha.

San Delina era o tipo de pessoa que só deixava os cuidados de parteira quando se certificava de que tudo estava bem com a mãe e seu filho recém-nascido, por assim ser, sua assistência como parteira não acabou com o nascimento das crianças naquela casa. Ela ainda permaneceu na propriedade até que os umbigos das crianças caíssem, ou seja, mais 13 dias. Mas para aquela hora de alegria ainda faltava algo importante: incensar as crianças.

Avista disso, tomou uma bacia de ágata, despejou nela algumas brasas e jogou sobre essas um bom punhado de sementes de alfazema que imediatamente aromatizou todo o ambiente e, na fumaça produzida por aquele incensário improvisado para o momento, uma a uma, tomou aquelas crianças em seus braços e os incensou naqueles finos fios de fumaça que se erguia daquele incensário. Após esse momento, San Delina deixou o quarto de Lucinha, ajeitando-a na cama e lhe fazendo o sinal de cruz sobre sua testa, dizendo:

*–A fé venceu o medo, fia, e você triunfou!*

Passados mais alguns dias, San Delina recebeu, finalmente, a visita de Laurinha em casa de Augustinho, onde estava hospedada. Ali as duas puderam conversar sobre as questões que envolviam as pessoas de Camboatá, mas, principalmente, as aventuras e andanças de Josué que, por aquele tempo, só falava em pega de boi, opondo-se ao desejo da avó, que não queria que o neto seguisse os passos do pai, mas parecia ser em vão. Soube ainda, por intermédio da amiga, das idas e vindas de Antônia Maria, a busca de seus cuidados como rezadeira, uma vez que queixava-se do “mau olhado” e uma febre que a perseguia fazia dias; bem como o pedido de socorro vindo da casa de Marcionília– que fazia dias sofria da

“febre-de-santo-Antônio”<sup>4</sup>– e tantos outros casos de pessoas que foram a sua procura e não a encontraram, o que lhe deixou muito preocupada e desejosa de voltar pra casa.

Cumprido os dias que destinou a estar na casa de Augustinho, San Delina voltou a Camboatá e não tardou para fazer a “limpeza” da casa. Abriu as portas de sua morada – deixando o vento entrar para “benzer a residência” – apressando-se para preparar as ervas sagradas para um *defumador*, colocando-o em locais estratégicos da sua habitação, como a pequena sala onde mantinha um oratório com os santos de sua devoção. Ali também espalhou, sobre o chão, algumas ervas, cujo objetivo era limpar o ambiente de toda impureza ruim, que somente ela acreditava ter. Com o ambiente limpo, a doce rezadeira prepara algumas ervas com as quais também se purificaria e, assim, as toma e lava seus pés e mãos. Após todo esse ritual, sente-se preparada para voltar a rezar naqueles que havia de lhe procurar e, dessa forma, acredita ela todos os dias.

É verdade que, embora estivesse preocupada em estar pronta para atender as pessoas quando lhe procurasse, a boa e compassiva avó não tirava o pensamento de Josué, que vivia metido dentro da caatinga dizendo que se preparava para “virar” vaqueiro, e bisbilhotando um quartinho nos fundos da propriedade, que ela quase não pisava os pés, pôde encontrar ali um traje completo de vaqueiro que era guardado por Josué: Chapéu de couro completo com o barbicacho<sup>5</sup>, Gibão e as perneiras, guarda peitoral e até as luvas. Avelha senhora ficou muito apreensiva, mas mantinha a esperança de que o neto estivesse apenas passando por uma fase, logo esqueceria aquelas ideias, e tendo assim pensado, moveu-se para dentro de casa, pois pareceu-lhe que alguém a tinha chamado à porta.

Sim, de fato, era Laurinha que vinha lhe trazendo recado da casa de Antônia Maria para que San Delina fosse à casa dela lhe rezar.

*–O que há, Laurinha, para quê tanta afobação, mulher de Deus?!*

*–Pediram para San Delina ir agorinha mesmo à casa de Antônia Maria. A muié quase morreu noite passada e precisa de reza forte para se levantar. Dizem até que passou a noite todinha arquejando!*

---

<sup>4</sup>Um dos nomes populares para Erisipela

<sup>5</sup>Barbicacho e/ou “**barbichado**”: cordão de alguns tipos de chapéus que o segura no queixo daquele que o porta.

Ouvindo as palavras de Laurinha, Delina preparou sua sacola e saiu rua a baixo até à casa da enferma. Encontrou-a prostada na cama ladeada por travesseiros e sem poder respirar direito. Pediu que lhe preparasse um chá de alecrim e o deixasse esfriar, fez o sinal da cruz, seguido fez um pequeno molho das ervas que trouxera consigo, pediu licença e “benção” a nossa senhora de Sant’Anae começou a rezar: um credo, um pai nosso, uma Ave Maria. Passado algum tempo, acamada começou a suar e a movimentar-se na cama, pedindo para lhe colocarem sentada. San Delina lhe enxugou a face, entregando o chá para ela beber. Mais sete dias e estaria totalmente recuperada daquelas moléstias, voltando a sua vida cotidiana.

Quando tomava o rumo de sua casa, lembrou-se de Marcionília que estava com a febre-de-santo-Antônio, foi lá dá uma espiada na amiga e lhe rezar caso fosse preciso, e assim o fez. Missão cumprida, lá ia San Delina subindo a ladeira de casa, quando se defronta com Zé Emiliano, que lhe perguntou se Josué estava pronto para enfrentar o “boi no mato” no domingo seguinte. Ela estremeceu e sem saber o que responder a Emiliano, riu e disse não saber se ele estaria pronto ainda. Em casa, Delina nervosa, acende seu cachimbo e pôs-se a pensar no que dizer a Josué quando chegasse, e ali ensaiou palavra por palavra o que dizer, mas na hora as palavras foram outras.

Finalmente, quando estava sem pensar em Josué, ele entrou na sala com o chapéu na mão e todo sorridente se dirigiu a ela, do mesmo modo que fazia seu pai quando chegava das pegas de boi das quais participava. Enquanto ele lhe explicava o que faria no domingo próximo, as palavras que ensaiara anteriormente se foram e ela percebeu que o menino Josué agora era um homem e que começava a trilhar seu próprio caminho. Ela o abraçou e o abençoou e, rindo, pediu que ele fizesse bonito e trouxesse o prêmio para casa.

No dia marcado para a pega de boi, San Delina levantou bem cedo para ver o neto arrumado sair. Ali, de pé em frente o portão de casa, ela o esperou passar em seu cavalo marrom e todo paramentado para aquele momento – que para ele estava sendo o mais impactante. Ele sorridente passa por ela, toma-lhe a “benção” e recebe um galho de erva sagrada, que ele o fixa no chapéu e segue. Ali, ela permaneceu até perdê-lo de suas vistas para a poeira da estrada que o encobria.

## Referências



CUNHA, Euclides. *Os sertões*. LAEMMER T & C. LIVREIROS — Editores Rio de Janeiro — 3° ed. São PAULO 1905